

UM ESTUDO SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR E A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ÂMBITO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Kawany Moreira Soares dos Santos ¹
Sélvia Taciana Josiana Maciel de Paula Silva ²
Luciana Resende Allain ³

Atos de violência estão presentes no mundo desde os primórdios, antes mesmo da compreensão do termo violência. Ao observarmos a natureza, os mais diversos grupos de animais combatem fisicamente para garantir mais e melhores recursos para prolongação de sua sobrevivência naquele determinado ambiente. Quando pensamos nos seres humanos, notamos que a violência ainda está muito enraizada em nossas sociedades, e que, além da violência física, nós desenvolvemos outros meios de praticar atos violentos uns contra os outros ou contra si próprios (PINTO *et al.*, 2018).

No Brasil, os índices de expressão dos tipos de violência em suas mais diversas naturezas evidenciam a falta de apreço pela vida do próximo e a falsa necessidade do uso de violência por parte do agressor para impor seus ideais, suas opiniões e para oprimir os que pensam diferente (HAYECK, 2009).

Como previsto no art. 5º da lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, do documento Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”, podemos notar que fica assegurado às crianças e adolescentes a justiça em caso de violência, no entanto, quando observamos o ambiente escolar, podemos notar que isso não se cumpre da forma como deveria.

¹ Residente e Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, kawany.moreira@ufvjm.edu.br;

² Preceptora do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto Biologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, selvia.josiana@ufvjm.edu.br;

³ Professora orientadora do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto Biologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM–. luciana.allain@ufvjm.edu.br.

Embora o ambiente escolar deva ser um lugar supostamente seguro e acolhedor para seus integrantes, não é raro identificar atos violentos que se manifestam explícita ou sutilmente, impossibilitando que os agredidos, comumente os alunos, percebam que estão sendo vítimas, muitas vezes por ingenuidade ou falta de conhecimento (SILVA & NEGREIROS, 2020).

Em grande parte dos casos os alunos são vítimas de violência por parte de gestores, professores e outros membros da comunidade escolar, mas são incapazes de se reconhecerem como tais, devido à precariedade de informações acerca do assunto. Isso porque, para muitos deles, a violência só se manifesta através da agressão física. No entanto, sabemos que há outros tipos de violência, como a negligência, violência psicológica, emocional e verbal – sendo esta última a mais comum no ambiente escolar, e que pode desencadear traumas nos estudantes, além de ferir sua moral e autoestima.

Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo conscientizar os alunos acerca dos tipos de violência e meios oficiais de denúncia, a partir da elaboração de uma sequência didática aplicada em uma escola pública do interior de Minas Gerais, com estudantes dos anos finais do ensino fundamental, como parte integrante de atividades do Programa de Residência Pedagógica – Subprojeto Biologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

Trata-se de um estudo descritivo, com análise qualitativa dos resultados obtidos a partir de duas das quatro atividades desenvolvidas na sequência didática elaborada e aplicada para todas as turmas de Ensino Fundamental – Anos Finais da escola-campo, no mês de maio de 2023, para marcar o Dia Nacional de Combate ao Abuso e a Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes. A motivação para abordar o tema surgiu a partir da observação de eventos de violência do corpo docente para com os alunos.

A atividade elaborada consistiu em uma sequência didática (SD) de quatro aulas realizadas ao longo de todo o mês de maio com todas as turmas de 6º a 9º ano da escola-campo. A primeira etapa da atividade consistiu na instalação de uma caixa lacrada em cada sala de aula para que os alunos pudessem relatar anonimamente episódios de violência os quais eles haviam sido vítimas no ambiente escolar ou fora dele, bem como um questionário impresso respondido anonimamente pelos alunos para fins de conhecimento sobre sua

compreensão acerca do termo violência, da sensação de segurança dentro da escola e da afinidade que os mesmos tinham para com seus colegas e professores.

A segunda atividade da SD consistiu na construção de estudos de casos fictícios baseados nos relatos escritos anonimamente pelos alunos. Ao todo, foram construídos três estudos de casos diferentes para atender aos relatos dos alunos: um sobre violência cibernética, outro sobre assédio sexual e outro sobre violência psicológica. Posteriormente, os estudos foram lidos em conjunto com os alunos e discutidos em sala de aula.

As terceira e quarta atividades da SD consistiram em uma aula expositiva dialogada sobre os tipos de violência e meios de denúncia e a produção de uma cartilha informativa em grupo (para alunos do 6º e 7º ano) ou a produção textual para dar um fim diferente ao estudo de caso lido anteriormente sobre assédio sexual, a partir dos ensinamentos aprendidos na aula expositiva (para alunos do 8º e 9º ano).

A atividade desenvolvida na escola campo contou com a participação de aproximadamente 217 alunos, sendo duas turmas de 6º ano (30 e 32 alunos), duas turmas de 7º ano (24 e 25 alunos), uma turma de 8º ano (36 alunos) e três turmas de 9º ano (21, 28 e 21 alunos), e ocorreu ao longo de quatro semanas no mês de maio. Os resultados analisados nessa sessão correspondem aos relatos das caixas e aos dados obtidos no questionário.

Durante a análise documental dos relatos encontrados nas caixas lacradas, foi notório como os alunos, talvez pela falta de entendimento do assunto, são ingênuos para com os atos de violência que sofrem constantemente por parte dos professores. Em grande parte, os relatos demonstram casos de falas ofensivas dos professores, dirigidas aos estudantes mais jovens, que os fazem duvidar se serão, um dia, “algo na vida”. Em muitos dos relatos dos estudantes de 6º anos, houveram registros de falas de professores que os chamavam constantemente de “burros”, “incapazes”, “analfabetos”, ou insinuações de que os mesmos “trabalharão capinando jardim porque são incapazes de evoluir na escola”. Já os relatos dos alunos mais velhos, principalmente das alunas, mudam de tom e passam a retratar episódios de assédio sexual, nos quais os professores e colaboradores da escola fazem comentários maliciosos sobre seus corpos, tiram fotos e tocam de forma libidinoso em partes de seus corpos.

Já durante a análise das respostas do questionário, é perceptível que os alunos não se sentem seguros ou confortáveis dentro da escola, e mais da metade diz não gostar dos

professores ou dos colegas de classe devido a situações de violência que foram notificadas aos gestores, mas que foram negligenciadas pelos mesmos.

Ambas as fontes de dados evidenciaram como a gestão escolar, em grande parte dos casos, não cumpre o papel de proteger os estudantes, pois prefere proteger os agressores, que são seus colegas de trabalho, demonstrando uma relação autoritária entre professores e alunos (AQUINO, 1998). Como ressaltado anteriormente, presume-se no ECA que a escola seja um espaço de proteção das crianças e adolescentes que frequentam esse ambiente. Mas não é essa a realidade que vivenciamos, pois os estudantes são frequentemente sujeitos à violência psicológica, emocional, ao assédio sexual e à negligência.

Os dados que recolhemos e analisamos revelam que, além da negligência da gestão escolar, é baixa a compreensão dos alunos sobre violência, suas diversas naturezas e as implicações que podem ter na vida da vítima. Antes da realização das atividades, os alunos viam a violência apenas como agressão física. As atividades realizadas esclareceram que as palavras também podem ferir, atingindo a autoestima dos alunos e afetando diretamente em seu rendimento na escola, pois os mesmos internalizam ofensas e se sentem desmotivados a estudar. Também percebemos que o uso das estratégias didáticas escolhidas (caixa de depoimentos anônimos e estudos de caso) foi muito interessante, pois possibilitou que os alunos se expressassem com confiança e sem medo de represálias. Concluimos, após o estudo, que o papel de professores e gestores na escola é fundamental para o combate a todas as formas de violência contra crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Violência escolar, Residência Pedagógica, Sequência Didática.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos cedes**, v. 19, p. 07-19, 1998.

HAYECK, Cynara Marques. Refletindo sobre a violência. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10353>. Acesso em: 23 ago. 2023.

PINTO, Mariana Olímpia Köhler Marra. *et al.* Teoria do Elo: A conexão entre crueldade animal e a violência infligida a seres humanos. **V Seminário de Defesa Animal: Desafios Da Sociedade Civil e Poder Público**, p. 83-87, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Mariana-M-Pinto/publication/332973699/links/5cd46d5aa6fdccc9dd9a9db2/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SILVA, Ellery Henrique Barros da; NEGREIROS, Fauston. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Psicopedagogia**, v. 37, n. 114, p. 327-340, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862020000300006&script=sci_arttext. Acesso em: 25 ago. 2023